

Catapora mata cinco índios no Pará

LUÍS INDRUNAS
Da AF - Belém

Cinco índios arauetés morreram nos últimos dias por causa de uma epidemia de catapora que atinge cerca de 70% dos 274 índios da aldeia Ipixuna, em Altamira (PA).

Outros 22 índios atingidos com gravidade pela doença estão internados no hospital São Rafael e na Casa do Índio de Altamira (771 km a sudoeste de Belém e cerca de 1.000 km ao norte da aldeia).

Morreram três idosas, uma recém-nascida e um homem de 40 anos pela combinação entre o agravamento da doença e problemas respiratórios.

"A catapora acabou baixando a resistência dessas pessoas que já tinham problemas respiratórios comuns aos arauetés, fruto de costumes como dormir ao relento e a falta de uma alimentação adequada", disse Tereza Fialho, chefe do Distrito Sanitário Especial Indígena da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) em Altamira.

Tereza afirmou que, em vários casos, houve complicações porque os índios usaram espinhos para estourar as bolhas de catapora, o que acabou infectando as feridas.

Segundo a funcionária, várias tribos das 12 reservas indígenas de Altamira sofreram surtos de catapora, mas houve mortes apenas entre os arauetés.

Para Marco Antonio Reis, do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) de Altamira, a Funasa demorou para socorrer os índi-

os. "Os casos de catapora na região estão acontecendo desde julho".

O procurador da República Felício Pontes Júnior pediu a abertura de inquérito para apurar os responsáveis pelas mortes. A este respeito, Tereza disse que a Funasa vinha acompanhando o surto de catapora e não houve displicência do órgão.

Na última sexta-feira, uma equipe com dois médicos, três auxiliares de enfermagem, um enfermeiro e um técnico em

saúde seguiu para a aldeia.

Ainda não se sabe a origem do contágio, mas dois especialistas do Instituto Evandro Chagas, um técnico da Funasa e outro da Sespa (Secretaria Estadual de Saúde do Pará) seguem hoje para a aldeia para tentar descobrir a origem da epidemia.

Segundo Tereza, a doença pode ter sido trazida à aldeia por índios que visitaram a cidade. Os arauetés vivem isolados com poucos índios que falam português. Os primeiros arauetés foram identificados em 1969.

Em 1977, a Funai (Fundação Nacional do Índio) contou 120 representantes da etnia, que é do tronco tupi-guarani. Um ano antes, três arauetés teriam morrido em ataques dos índios paracanãs. Outros 73 teriam morrido tentando fugir dos paracanãs, pois uma epidemia de conjuntivite atrapalhou a fuga pela mata. Desde então, os arauetés, que viviam em dois locais separados, passaram a morar todos na mesma aldeia.